

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Bacharelado em Artes Cênicas

Mariele Mota dos Santos

A perda da significação da arte na sociedade capitalista

Florianópolis

2013

Mariele Mota dos Santos

A perda da significação da arte na sociedade capitalista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Berton

Florianópolis

2013

Mariele Mota dos Santos

A perda da significação da arte na sociedade capitalista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas, sendo submetido à Banca Examinadora e considerado aprovado em __/__/____.

[Prof. Dr. Paulo Ricardo Berton]

Professor Orientador

[Prof. Ms. Marília Carbonari]

Membro da Banca Examinadora

[Prof. Ms. Marcio Silveira]

Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a minha família, em especial a minha mãe Marli Mota dos Santos, mulher forte e doce, que não mediu esforços para me educar, pessoa linda, que eu amo com todas as minhas forças. Meu irmão Tiago Mota, sempre dedicado e preocupado comigo, a quem eu amo profundamente.

A todos os meus amigos, em especial, Emanuelle Pasa e Amanda Justo que dividiram comigo minhas angustias e sempre estiveram ao meu lado, amigas para todas as horas. As minhas colegas de trabalho e companheiras Jéssica Faust e Nathália Mazzini, que além de parceiras de trabalho, são amigas, confidentes, psicólogos e ombro amigo.

A minha turma de Artes Cênicas que fizeram da minha vida acadêmica uma doce lembrança.

Ao meu orientador Paulo Ricardo Berton, que me conduziu muito bem em minha pesquisa e me apresentou o marxismo, que teve paciência e soube me guiar. A todos os mestres que tive o prazer de conhecer, não apenas no curso de artes cênicas, mas ao longo da minha vida, em especial a Marinez Pizze, minha professora de artes no ensino fundamental que me apresentou a minha grande paixão o teatro.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a arte buscando refletir sobre sua verdadeira significação e analisando o destino da mesma sob as leis capitalistas de produção, pautando-se numa perspectiva marxista. Parte-se do pressuposto de que a arte é uma objetivação humana oriunda do trabalho, e que desta maneira, da mesma forma que ele, sofre as mesmas pressões da sociedade capitalista. Para tanto, por meio de conceitos marxistas, busca-se conceituar a arte enquanto máxima expressão da natureza criadora do homem. Nesta perspectiva o estudo analisa a arte como um fenômeno social que nasce do trabalho, que, segundo Marx, é a categoria que define o ser social. De acordo com a estética marxista, é no trabalho que o homem transforma o objeto, imprimindo forma à matéria, que resulta em um novo objeto, o estético, no qual se objetiva, se explicita a riqueza humana do sujeito. Entretanto sob a égide do capitalismo a arte é ameaçada pela desumanização e consequente perda de seu significado.

Palavras-chave: arte, trabalho, capitalismo.

ABSTRACT

This research investigates art focusing on its true meaning and its condition under the capitalism production laws, following a Marxist perspective. If we consider art as a human objectification originated in labour, art is going to suffer the same consequences labour does in the context of a capitalist system. Therefore, through Marxist concepts, this work defines art as the highest expression of human creative nature. Under this perspective this study analyses art as a social phenomenon as a result of labour, which, for Marx, is the category that defines the social being. According to Marxist aesthetics, it is in labour that human beings transform the object, giving form to the material, which results in a new object, the aesthetic, in which the human richness of the subject is objectified. Nevertheless, under the dominance of the capitalism, art is threatened by dehumanization and the consequent loss of its meaning.

Key-words: Art, labour, capitalism, Marxism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
1. A ORIGEM CRIADORA DO TRABALHO.....	12
1.1 AS ARTES PRIMITIVAS E O TRABALHO.....	16
1.2 DA NECESSIDADE À ARTE	19
2. O NASCIMENTO DA ARTE	22
2.1 AS FERRAMENTAS NO SURGIMENTO DA ARTE.....	23
2.2 O PODER DAS PINTURAS, DA IMAGEM E DA DANÇA.....	24
2.3 O PAPEL DO JOGO CÊNICO NAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS DOS POVOS PRIMITIVOS	25
3. ARTE COMO TRABALHO	27
4. ARTE COMO MERCADORIA	33
5. ALIENAÇÃO, PERDA DO CARÁTER ARTÍSTICO DO TRABALHO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende discutir, baseando-se na visão marxista dos conceitos de arte e de trabalho, a perda da significação da arte, através da alienação¹ do homem no trabalho. O que se dá com a consolidação da sociedade capitalista. Este estudo define a arte como sendo um trabalho superior que surge graças ao trabalho prático, isto é, o trabalho que produz objetos uteis de um ponto de vista prático-utilitário. O conceito de trabalho utilizado nessa monografia de conclusão de curso é o conceito Marxista que parte da premissa de que é por meio do trabalho que o homem torna-se um ser social. Compreendendo o trabalho como momento crucial na relação do homem com a natureza, que modifica a sua própria natureza quando o homem realiza a ação de produção e de reprodução. Para Karl Marx o primeiro ato histórico é a produção dos meios que permitam a satisfação das necessidades humanas, que resulta na produção da vida material dos homens. O trabalho como processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria atuação, ajusta, regula e controla seu metabolismo com a natureza. O trabalho como a essência criadora do homem. Marx concebe o homem como resultado do seu próprio trabalho.

Levando em conta o conceito marxista de trabalho, alguns autores analisaram o que viria a ser um possível pensamento estético do pensador alemão. Marx não publicou nenhuma obra que trata-se especificamente da questão estética, mas segundo Adolfo Sanchez Vazquez, que utilizo nesse trabalho como livro base de minha problemática, em obras como os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, *Estudos para uma crítica da economia política*, *O Capital* entre outras obras, podemos encontrar ideias que mostram o quanto Marx se preocupava com os problemas fundamentais da arte e da estética.

A partir dos conceitos de Marx sobre a origem do trabalho, traço uma evolução histórico-social, que pretende demonstrar que arte e trabalho nascem da natureza

¹ Alienação: Processo histórico-social no qual o produto do trabalho humano torna-se independente, se autonomiza, escapando ao controle racional e virando-se contra seu criador. Apesar de, etimologicamente, —alienação‖ possuir uma origem psicológica, Marx utilizou o termo também no seu aspecto econômico, ao se referir à alienação no trabalho e suas consequências no cotidiano das pessoas. Marx também observou a alienação da sociedade burguesa – o fetichismo (ver adiante). Hegel define —alienação‖ como —o outro distinto de si mesmo‖. Em Hegel, seu conteúdo não é negativo. Em Marx, sim. Expressa o estranhamento, a separação e a fragmentação do ser humano. Algo está alienado quando já não mais nos pertence. (KOHAN, Néstor. Dicionário básico de categorias marxistas. Disponível em: <http://www.caesp.com.br/v2/tarefas/material/dicmarxista.pdf>. Acessado em 16/03/2014 as 15:23:50.)

criadora do homem e se assemelham na medida em que os dois tem valor de uso para o homem, servindo para aplacar suas múltiplas necessidades, tanto físicas quando espirituais. Todavia na sociedade capitalista, acontece a alienação do homem no trabalho e a perda da objetivação dos produtos criados por ele. Os objetos criados no trabalho deixam de refletir o homem.

A fim de alcançar meus objetivos, desenvolvo o trabalho da seguinte maneira: No primeiro capítulo falo sobre a origem criadora do trabalho. Nesse capítulo quero demonstrar que na sua origem o trabalho é exaltação da natureza criadora do homem. Desejo evidenciar que foi por meio do trabalho que o homem desenvolveu suas habilidades, aprimorando os objetos criados no trabalho até que estes apresentassem as características específicas particulares, de um objeto essencialmente estético. Decorrendo sobre os conceitos que Marx tem sobre a natureza do trabalho tais como: A relação sujeito e objeto tem origem no trabalho, o trabalho é atividade prática que possibilita ao homem se separar do ser animal que o antecede e dominar a natureza. O trabalho é base para o desenvolvimento das diversas formas de consciência, ou seja, é a partir do trabalho que o homem se liberta do seu ser animal, e desenvolve as características do gênero humano.

Ainda no primeiro capítulo, que se divide em dois subcapítulos. Primeiro “As artes primitivas e o trabalho”, nesse subcapítulo quero demonstrar que os objetos produzidos pelos povos primitivos tinham função unicamente prática. Para evidenciar que nessa fase da história social dos homens, a arte está quase que fundida no trabalho. De maneira que as danças, as pinturas e os objetos, não têm função estética e sim prática, ou seja, a arte é uma necessidade criada pela humanização. O segundo subcapítulo: “Da necessidade a arte”, analiso a passagem do útil ao estético. O ponto de vista estético se desenvolve depois do homem ter se libertado do campo da necessidade imediata. Através do trabalho o homem torna-se consciente da existência e do significado estético dos objetos. O constante aperfeiçoamento dos objetos leva o homem a um duplo interesse pelo objeto: prático e espiritual. O valor espiritual do objeto surge na evolução de seu valor utilitário, os objetos são vistos primeiro por seu valor de uso e somente depois pelo valor estético. Isto é por meio do trabalho o homem se torna efetivamente consciente da existência e do significado estético dos objetos.

No segundo capítulo intitulado “O Nascimento da Arte” me baseio principalmente nos conceitos de George Plekhanov, seus estudos sobre as tribos primitivas e a sua visão da evolução da arte. Analiso seus conceitos de arte como

reflexo social, para definir de maneira mais detalhada a origem da arte no trabalho. A partir de uma corrente materialista², Plekhanov fala dos primeiros traços do que seria a economia da sociedade primitiva, defendendo que a busca por alimento teve desde o princípio um caráter social e não individual. Plekhanov defende a partir de uma minuciosa análise da economia primitiva a posição de que o trabalho precede a arte na história da sociedade.

No terceiro capítulo “Arte como trabalho”, discorro sobre as características peculiares que definem a atividade artística. Levando em conta os conceitos que defendem que arte não existe à margem da sociedade. Traço um breve histórico das relações entre arte e sociedade, para mostrar as modificações na relação entre arte e sociedade ao longo da história humana. E reafirmo a arte como máxima expressão do concreto humano, tanto que acaba entrando em conflito com a sociedade capitalista, e suas leis abstratas.

No quarto capítulo “Arte como mercadoria”, pondero sobre a transformação da arte em mercadoria, utilizando os conceitos de Marx sobre a transformação do produto do trabalho em mercadoria através de sua teoria da perda do valor de uso dos produtos do trabalho e sua relação com as necessidades humanas. Em outras palavras, a transformação do trabalho concreto, em trabalho abstrato. Na produção capitalista os produtos do trabalho interessam por seu valor de troca, o produto deixa de valer por sua capacidade de refletir o humano, perde suas características concretas. Utilizando esses conceitos sobre o produto do trabalho quero demonstrar que a arte não interessa à sociedade capitalista enquanto valor estético³ a obra de arte só interessa na medida em

² Concepção materialista da história: Nova concepção inaugurada por Marx e Engels. Base da necessária e ainda pendente (re) unificação de todas as ciências sociais. Sua ideia central é que toda a história não é mais que a história da luta de classes. Não há evolução automática. A chave da história está no conflito, nas rebeliões e nas revoluções. Para diferenciar uma época de outra, há que apreender o tipo de relações sociais que predomina em cada período. O —materialismo! desta concepção remete à centralidade das relações sociais, por contraposição ao —Espírito universall da filosofia da história de Hegel. Para Marx, não há instituições eternas. Todas são históricas. A sociedade constitui uma totalidade de relações de produção e reprodução, materiais e ideológicas. Enquanto totalidade, a sociedade não é um somatório mecânico de parcelas soltas ou fatores justapostos: o —fator! econômico, o —fator! político e o —fator! ideológico. A teoria dos —fatores! é estranha ao marxismo. (KOHAN, Néstor. Dicionário básico de categorias marxistas. Disponível em: <http://www.caesp.com.br/v2/tarefas/material/dicmarxista.pdf>. Acessado em 16/03/2014 as 15:45:30.)

³ O valor estético não é determinado pelas propriedades físicas ou naturais do objeto, mas por seu conteúdo humano, social. Como outros valores, exige um substrato material ou natural, mas não depende exclusivamente deste substrato. Supõe o homem social e não existe à margem ou independente dele. (VAZQUEZ, 1986, p.99).

que da mesma forma que os produtos do trabalho concreto produza mais valia⁴. Dessa maneira a produção capitalista estende suas leis também sobre a atividade artística.

No quinto capítulo, falo sobre a alienação do homem na sociedade capitalista, na perda do caráter artístico do trabalho e as influências na arte. Mais uma vez me valho dos conceitos de Marx sobre as relações de trabalho na sociedade capitalista e estendo para definir a alienação da arte. Marx vê no trabalho a definição do ser social, e quando demonstra em sua obra a alienação do homem, na produção capitalista, falando da perda do caráter concreto, e espiritual do trabalho, é possível perceber a perda das características artísticas do trabalho. Demonstrando que arte e trabalho entram em contradição nas condições alienadas do trabalho capitalista. Mas todavia quando a arte é submetida às leis abstratas da produção capitalista seus produtos perdem a capacidade de refletir a capacidade criadora do homem.

⁴ Mais-valor ou mais-valia: Fração do valor produzido pela força de trabalho que é apropriada gratuitamente pelo capitalista. Constitui a origem da exploração. Representa um trabalho não pago. É a fonte de vida do capital. É o excedente repartido entre diferentes capitalistas, na forma de juros (para os banqueiros); lucros (empresários industriais) e rendas da terra (proprietários). (KOHAN, Néstor. Dicionario básico de categorias marxistas. Disponível em : <http://www.com.br/v2/tarefas/materialismo.pdf> . Acessado em 16/03/2014 as 16:26:10.)

1. A ORIGEM CRIADORA DO TRABALHO

Quero inicialmente discorrer sobre três processos fundamentais na trajetória da evolução do ser humano e que envolvem os conceitos de trabalho e de arte: a transformação do homem em ser humano, como se deu a caminhada até sua humanização e através dele a humanização da natureza e mais além sobre como o trabalho age sobre o homem e o distancia cada vez mais do ser animal que o antecede. Também quero demonstrar como arte e trabalho se encontram profundamente interligados nesses primeiros estágios de evolução do trabalho e do homem, isto é confirmar que a arte é um forma de trabalho superior, que surge no trabalho pela evolução do homem.

Vou analisar a formação humana numa perspectiva marxista, para Marx o que faz do indivíduo um ser total, isto é, um representante do gênero humano, é a sua atividade vital, a qual é definida por Marx como aquela que garante a vida de uma espécie. Dado que nos seres humanos, sua atividade vital, é o trabalho. É através do trabalho que o ato de dar significado à natureza se materializa. O processo do trabalho começa pela tomada da natureza, o homem se objetiva na natureza e a transforma através do trabalho. Marx afirma também que o trabalho é atividade peculiar da espécie humana porque os animais também agem sobre a natureza, mas o fazem de maneira passiva, ou seja, só o que fazem é utiliza-la e quando a modificam fazem pelo mero fato de sua presença nela, o homem ao contrario, modifica a natureza e a obriga a servi-lo, e quando age sobre ela imprime o conteúdo que desde o princípio já estava em sua mente, diferente do animal que age apenas por instinto. Os objetivos estabelecidos pela consciência do homem são dirigidos para a atividade pratica, e essa faz um balanço do que precisa ser produzido, o que é possível verificar na afirmação de Marx :

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. (MARX, 1996, p.297).

Para transformar a natureza por meio do trabalho o homem precisou de ferramentas, ou seja, de instrumentos de trabalho, logo os instrumentos são um

complexo de coisas que estão entre o trabalho e a matéria sobre a qual se deseja exercer uma atividade. O trabalhador apodera-se das propriedades físicas e químicas dos materiais para adquirir domínio e adaptar outras matérias a seus objetivos. Diante dos recursos oferecidos no ambiente natural, o homem decide qual objeto precisa ser criado, e qual finalidade terá na busca de recursos para assegurar sua sobrevivência. Isso faz com que tome consciência de si mesmo, de sua existência, e do mundo a sua volta, diferente dos animais que vêem a natureza como algo dado onde apenas podem usar o que lhe é oferecido. Nesse processo de transformação do ambiente natural percebendo que os objetos retirados da natureza podem ser transformados para melhor atender suas necessidades humanas, o homem cria objetos que não existiriam sem sua intervenção, independente de seu ser. Segundo Vazques (1978, p.59) “o homem só é homem objetivando-se, criando objetos nos quais se exterioriza”.

É a necessidade que impulsiona o homem nessa transformação, porque o homem é um ser necessitado e a necessidade exige um objeto para satisfazê-la. A fome é umas das principais carências humanas e para suprir essa necessidade, o homem precisa buscar fora de si, na natureza, um meio para saciar-se. A necessidade leva o homem na busca por um objeto no qual possa exteriorizar suas forças naturais. Os objetos de que necessita para sobreviver existem fora e independente dele, ou seja, não foram produzidos por ele, o que faz com que o indivíduo dependa do objeto. Esta situação provoca passividade, uma dependência, por serem objetos fundamentais para ele, fazendo do homem um ser dependente e condicionado, da mesma maneira que são os animais. Mas sendo o homem um ser que produz e que trabalha que cria objetos, isso o torna capaz de mudar sua relação com o objeto, que deixa de ser imediata e forçosa, e passa a ser independente e mediata. Quanto mais humano o homem se torna, mais necessitado fica. Essas necessidades podem ser naturais do instinto humano, ou podem ser novas necessidades criadas pelo homem, como por exemplo, a necessidade de expressar seu conteúdo humano em um objeto concreto. Mas ao mesmo tempo em que a necessidade causa dependência, ela também faz do homem um ser ativo, que graças a ela consegue criar um número cada vez maior de objetos e se Libertar. O aumento da produção de objetos distancia o sujeito da dependência imediata. Sendo assim segundo Vazquez o trabalho:

É a expressão e condição originária de uma liberdade do homem que só ganha sentido através de sua relação com as necessidades humanas. Graças ao trabalho, estabelece-se uma distância, que vai se ampliando no curso da produção social, entre a necessidade e o sujeito, ou entre a necessidade e o

objeto de satisfazê-la. No animal, a relação entre necessidade e a atividade que a satisfaz é direta e imediata; (, 1978, p.67).

Por meio do trabalho o homem transforma a natureza não apenas dando novas funções aos objetos existentes, mas também produzindo objetos novos e novas relações entre os objetos criados. Estes objetos não são dados ao homem pelo meio natural, eles são um reflexo do humano, da essência criadora do homem. Essa nova relação que se estabelece entre o homem e a natureza impulsiona o homem tanto na descoberta de novos valores para os materiais presentes no ambiente, quanto proporcionam acúmulo de conhecimento. Conforme Maria Barroco:

Para transformar a natureza o homem desenvolve certo nível de conhecimento que lhe permite saber quais são as forças, mas apropriadas para essa intervenção. Por exemplo, ele descobre que pode produzir o fogo, usando certos objetos da natureza, ou, que pode construir instrumentos de trabalho. Em todas estas ações, o produto de sua transformação torna-se um valor que não existe no objeto em si, mas que é produto da atividade humana. (2010, p.29).

Outro passo dado pelo homem por meio do trabalho foi a transformação do desejo e a partir dela a transformação do instinto animal em humano. O que aconteceu foi a alteração do desejo animal em desejo humano e por meio dessa transformação se estabelece um distanciamento entre necessidade e sujeito, entre o objeto desejado e seu consumo imediato. Podemos perceber aqui a especificidade do homem em comparação com o animal, no ato da transformação do desejo animal nasce o humano, essa transformação do desejo sobre a base do trabalho é apenas uma das coisas que acontece ao homem nesse processo, através do trabalho o homem também consegue obter domínio do tempo, que segundo Kosik ocorre da seguinte maneira:

No trabalho e por meio do trabalho o homem domina o tempo (enquanto o animal é dominado pelo tempo), pois um ser que é capaz de resistir a uma imediata satisfação do desejo e a contê-lo “ativamente” faz do presente uma função do futuro e se serve do passado, isto é, descobre no seu agir a tridimensionalidade do tempo como dimensão do seu ser. (KOSIK, 1986, p.183).

O homem que deseja que necessite, encontra-se profundamente ligado com o homem que cria que produz, sendo o trabalho a ponte que une esses dois homens. O trabalho é ação e a condição que liberta o homem, mas só faz sentido por sua ligação com as necessidades do homem. A distância entre a necessidade e o objeto se faz pelo

trabalho. Quanto mais o trabalho e conseqüentemente o homem evolui, maior se torna essa distância, diferente do animal que se relaciona de forma imediata com o objeto do qual precisa para atender suas necessidades e só age para aplacar necessidades físicas. O homem age para satisfazer outras necessidades não apenas as de ordem física. Através desse distanciamento cada vez maior entre o sujeito e objeto encontra-se a chave para a liberdade do homem, que se torna menos dependente do objeto, podendo criar não apenas para satisfazer necessidades biológicas, mas para satisfazer sua necessidade de afirmação enquanto ser criador. Podemos perceber então que:

O trabalho, portanto, não é apenas a criação de objetos úteis que satisfazem determinada necessidade humana, mas também o ato de objetivação e plasmação de finalidades, ideias ou sentimentos humanos num objeto material, concreto-sensível. Nesta capacidade do homem de materializar suas "forças essenciais", de produzir objetos materiais que expressam sua essência, reside a possibilidade de criar objetos, como as obras de arte, que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e afirmação do homem explicitada já nos objetos do trabalho. (VAZQUES, 1978, p.69).

O desenvolvimento do trabalho contribui também para a evolução da linguagem, outro passo importante para a humanização do homem. Com a criação de um número cada vez maior de objetos, o homem sente a necessidade de se comunicar e de denominar os objetos criados a fim de diferenciá-los. No processo do trabalho crescem também os casos de ajuda entre os indivíduos, e ao mesmo tempo a necessidade de se expressar. O trabalho produz novas relações entre os homens o que torna possível o aparecimento de novas habilidades. Como a ação verbal não é uma ação isolada, e uma vez que o trabalho socializa os homens ele torna possível o seu desenvolvimento (Barroco, 2010).

O trabalho segundo Vazquez transforma o homem em ser social, que cria universalmente, porque só um ser que trabalha pode reproduzir na natureza suas forças essenciais, retirando os objetos presentes nela para fazer deles objetos de suas necessidades humanas. Por meio do trabalho cria um mundo humano, que não existe independente dele. O trabalho é a atividade pela qual o homem se autoconstitui e se tornou livre, colocando a natureza a sua disposição.

O trabalho é a condição determinante para a liberdade do homem, porque graças a ele pode se modificar a relação entre sujeito e objeto, com o aumento da distância entre eles, a fim de torná-la uma relação mediata. Entre o sujeito que cria e o objeto criado encontra-se a finalidade, ou seja, a ideia, o resultado que se deseja obter com aquele produto, sendo assim o produto nada mais é que uma finalidade humana

objetivada, que expressa , que representa o conteúdo humano. Esses objetos expressam a essência humana de duas maneiras, como objetos úteis que satisfazem as mais diversas necessidades humanas, e como objeto capaz de refletir sentimentos e desejos cujo valor está na capacidade de exaltar a natureza humana. Marx falava que *“enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na (sua) liberdade (com relação) a ela;o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira;”*.(2004,p.85)

Mas, graças ao trabalho, não só pode produzir objetos cada vez mais afastados de suas necessidades físicas (isto é, o objeto que não necessita consumir imediatamente), como ainda — em virtude da distância cada vez maior entre a produção e o consumo — pode produzir objetos que satisfazem necessidades materiais cada vez mais distantes até chegar a criar objetos que satisfazem, primariamente, uma necessidade humana meramente espiritual (VAZQUEZ, 1978,p.72).

Consequentemente o trabalho não produz apenas objetos úteis que suprem as necessidades físicas e materiais do homem, os produtos criados por ele tem valor principalmente por essa sua capacidade de satisfação, valor prático-utilitário, mas o valor do objeto não se esgota em sua função utilitária, mas vale também por sua função de expressar o homem, refletindo o humano e sua natureza criadora . Quando o produto do trabalho tem sua utilidade voltada apenas para aplacar essa necessidade do homem de reconhecer-se no mundo que criou,de reconhecer no produto a sua essência criadora, quando é superada a barreira meramente utilitário do produto , torna-se possível criar os objetos artísticos. Conforme Vazquez conclui *“Assim, pois, o limite prático-utilitário que o trabalho impõe deve ser superado, passando-se assim do útil ao estético, do trabalho a arte”*. (1978,p71)

Sendo assim arte e trabalho se identificam, porque ambos refletem essa capacidade criadora do homem, produzindo objetos que falam do homem que o expressam. A arte projeta o trabalho, na medida em que ela se liga com a natureza humana , mas ao mesmo tempo também supera sua definição prático-utilitária.A arte eleva os produtos criados no trabalho ao limite máximo de expressão e objetivação do humano. Mas isso só é possível pelo desenvolvimento do trabalho humano.

1.1 AS ARTES PRIMITIVAS E O TRABALHO

Para falar da arte dos povos primitivos é preciso entender a qual propósito servia. A arte dos povos primitivos apresentava fins utilitários. Os objetos produzidos pelo homem pré-histórico tinham em sua maioria utilidade, material, cotidiana ou mágico-religiosa. Essas ferramentas, armas ou figuras evoluíam situações cotidianas que tinham como objetivo ajudar a garantir a sobrevivência. Vazquez ressalta essa função da arte primitiva afirmando que: *“A arte se integra — como uma técnica peculiar — na luta do homem pré-histórico pra subsistir, defender-se ou conseguir alimento”*. (1978, p79)

Acredita-se que a arte desse período pouco tinha a ver com a produção de beleza, para muitos teóricos do período pré-histórico o homem ainda não havia desenvolvido a percepção estética. Quando por exemplo o homem do Paleolítico superior pinta imagem de animais nas paredes das cavernas, não o faz buscando um efeito estético, mas sim um efeito mágico, ele acredita que ao reproduzir a imagem do animal que desejava abater, obterá poder sobre ele. Era, portanto uma arte realista, já que, o homem primitivo acreditava que quanto mais a pintura se assemelhasse ao animal real mais efeito teria. Ai está a utilidade da arte em seu poder de duplicar a realidade.

Para o homem primitivo, a arte não é percebida como fonte de humanização, como expressão de seu ser criador, as ferramentas que ele cria as cabanas que constrói e as pinturas tem o mesmo propósito, prático-utilitário do trabalho, servindo de mediador entre o homem e a natureza. O interesse dele como artista tem a mesma finalidade, dele como caçador, construir abrigo e pintar imagens. Não tem distinção, os dois servem para protegê-lo do meio natural. Gombrich fala a respeito dessa semelhança utilitária:

Entre esses povos primitivos não há diferença entre edificar e fazer imagens , no que se refere à utilidade.Suas cabanas existem para abrigá-los da chuva,sol e vento, e para os espíritos que geram tais eventos; as imagens são feitas para protegê-los contra poderes que ,para eles, são tão reais quanto as forças da natureza.Pinturas e estátuas, por outras palavras, são usadas para realizar trabalhos de magia.(1979,p.20).

A natureza se apresenta ao homem primitivo como um grande mistério. Partindo da observação e da imitação, ele se vê impulsionado a fazer da natureza uma extensão do seu eu, começa recolhendo os objetos dados por ela, depois os reproduz, através da imitação e por fim começa a fabricação, a criação de ferramentas.A arte é uma necessidade posta pela humanização. O conceito de beleza não é algo dado

naturalmente, os fenômenos naturais só ganham significado estético quando adquirem significado para o homem. A busca pela dominação do entorno conduz o homem na compreensão do sentido estético. Vazquez assinala que:

Propriamente, uma atitude estética diante da natureza só se pode dar quando o homem vê confirmado nestas suas forças essenciais, isto é, quando consegue humanizá-la, colocá-la a seu ser viço, integrá-la em seu mundo como natureza humana. (1978,p.86).

Um exemplo de que a dominação da natureza e suas propriedades através do trabalho conduz a consciência estética é a evolução e dominação do ritmo por parte do homem. A natureza está repleta de efeitos rítmicos, como a chuva, o vento e o ritmo fisiológico também esta presente na vida do homem primitivo, a respiração, os batimentos do coração. Entretanto só o trabalho é capaz de dar sentido estético a esses ritmos. Muitos rituais praticados pelas tribos primitivas tinham o propósito de protegê-los desses sons produzidos pela natureza. A atitude estética do homem diante desses ritmos naturais só é possível quando o homem consegue através do trabalho humanizar a natureza tornando ela uma extensão do seu mundo, e como consequência humanizar a si mesmo. Os mais variados ritmos entram em contato com a consciência do homem assim como os sons produzidos pelas ferramentas de trabalho ao entrar em contato com os materiais, esses ritmos produzidos no trabalho tornam mais eficaz e mais fácil tanto física como psicologicamente a atividade laboral, provocando uma sensação de prazer, dando compasso aos movimentos do trabalho. Nesse momento, entretanto, o ritmo ainda é apenas um componente da vida cotidiana, mais tarde, por meio de danças rituais, cantos e música, que também tem sua atividade original voltada para necessidades práticas, ele começa a se tornar um reflexo estética. O ritmo passa assim da natureza para o trabalho, e do trabalho para a arte, atribuindo a ela especificidades. O ritmo se torna independente do processo de trabalho, quando deixa de fazer parte do momento laboral apenas por sua função prática de conduzir a atividade do trabalho, e passa a ser reflexo desse momento (PLEKHANOV, 1964).

Deste modo é possível compreender que a arte é uma necessidade criada pela humanização, ao passo que para se tornar homem é preciso ter autoconsciência. Contudo podemos verificar também que a criação artística é um produto social, ou seja, ela não se consolida a margem das relações sociais, que por sua vez são impulsionadas pelo trabalho. Com isso podemos perceber que a lei que conduz o desejo estético não parte de um princípio independente, de uma “vontade de arte”, mas sim de uma

necessidade que surge no homem de se expressar como ser criador, ou seja, ao se humanizar no trabalho, o homem se faz estético. É neste sentido que o trabalho é a base originária das determinações estéticas.

1.2 DA NECESSIDADE À ARTE

No processo do trabalho o homem precisou selecionar os objetos de acordo com suas finalidades, ou seja, cada objeto servia para uma função específica na luta pela sobrevivência. Para que o objeto cumprisse sua finalidade específica ele precisou passar por muitas transformações, sendo aperfeiçoado até atingir a forma adequada para cumprir determinada função, nesse processo de aperfeiçoamento do objeto, o homem começa a perceber que quanto mais perfeita for a forma do objeto, quanto melhor for estruturado o material, melhor será sua capacidade de cumprir a função a qual esta determinado. Isso faz com que o trabalho se converta num processo de criação de objetos, pelo qual se pode estabelecer uma hierarquia entre os objetos produzidos, de acordo com sua melhor capacidade de satisfazer determinada necessidade humana ou de cumprir certa função. A divisão dos objetos de maneira hierárquica possibilita ao homem refletir e adquirir certa consciência não apenas a respeito da qualidade do objeto, mas da qualidade do trabalho que foi preciso realizar para que o objeto se tornasse mais perfeito.

Deste modo, o progresso na fabricação de instrumentos, o conhecimento cada vez maior das qualidades do material e a acumulação de experiência e de hábitos de trabalho permitiram que se fosse passando, no processo de criação de objetos úteis, de uma forma a outra mais perfeita, ou seja, de uma estruturação adequada do material a outra mais adequada ao cumprimento da função própria do objeto. (VAZQUEZ, 1986, p. 75).

Por meio do aprimoramento do trabalho, na fabricação dos objetos úteis, se dá também o aumento do conhecimento a respeito da produção, desenvolvendo no homem a percepção de sua capacidade criadora, ao perceber sua capacidade de criar objetos cada vez mais acabados, surge no homem certo prazer pela realização de um trabalho cada vez mais perfeito, nesse prazer esta a base da contemplação, de poder visualizar no objeto o reflexo do seu trabalho. O homem pode assim vislumbrar em seu trabalho a possibilidade de produzir objetos cada vez mais aprimoras e sentir neles o poder de sua força criadora, isso se dá a princípio na base da utilidade do objeto, que quando mais

perfeito melhor cumpre sua utilidade prática, mas esse aprimoramento do objeto possibilita que o homem comece a valorizá-lo por seu potencial de refletir sua força criadora, esse é o fundamento que possibilita o surgimento da contemplação estética, isto é o homem pode perceber o objeto como reflexo do conteúdo humano.

Mas essa percepção do potencial dos objetos só é possível quando se alcançou um aumento considerável da produtividade do trabalho, quando a produção é maior que o consumo. É preciso que a produção exceda o consumo para que se possa produzir de forma livre, cada vez mais afastado da necessidade imediata pelo objeto. Só alcançando essa liberdade na produção de utensílios é possível estabelecer entre os objetos diferentes funções e estabelecer uma relação estética diante do objeto.

É preciso que o trabalho alcance certo nível— no que se refere à sua produtividade, à sua utilidade material — para que se possa produzir objetos que superem sua função utilitária e que, se m excluir esta, cumpram uma função estética, ou objeto que se libertam completamente desta função prática para ser, antes de mais nada, obras de arte. O trabalho é assim, histórica e socialmente, a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos. (VAZQUEZ, 1978,p.73).

Esse aumento da produção e conseqüentemente aperfeiçoamento dos objetos produzidos conduziu o homem a um duplo interesse pelos objetos: interesse prático-utilitário, pelo poder do objeto em suprir certas necessidades, e interesse espiritual, por seu poder de objetivação do homem, quando o objeto é valorizado principalmente por sua capacidade espiritual, podemos dizer que surge no homem o gosto estético. Mas esse valor espiritual do objeto surge como uma evolução de seu valor utilitário, os objetos são vistos primeiro por seu valor de uso e somente depois pelo valor estético, a passagem do útil ao estético, não se da por uma simples mudança de postura em relação a ele, sem o trabalho, sem a experiência da utilização de instrumentos isso não seria possível.

Conforme vimos anteriormente, através do trabalho o homem transformou a natureza e a humanizou, mas para humaniza-la teve que mudar a si mesmo primeiramente. Para Kosik “*O trabalho é procedimento ou ação em que de certo modo se constitui a unidade do homem e da natureza na base da recíproca transformação*” (1986, p.184). Vimos, também, que a relação sujeito-objeto teve início na vida material dos homens, ou seja, no trabalho, a atividade objetiva que tornou possível ao homem se tornar independente da natureza, que a converteu em objeto da atividade humana e, como resultado, fez do homem um sujeito. Ele é o eixo, ou seja, a base que torna

possível o desenvolvimento das diferentes formas de consciência, e sem essa tomada de consciência, o homem não poderia ter se tornado independente da natureza, e livre da dependência da natureza pode criar também de forma completa, ou seja sem a necessidade imediata ,e quando se torna livre da dependência imediata, pode criar um numero cada vez maior de objetos, e graças a criação de um numero cada vez maior de objetos e aperfeiçoamento dos mesmos criaram-se as condições necessárias para que o home m percebesse outra finalidade dos objetos, além da meramente utilitária podendo separa-los por sua função e avalia-los por seu conteúdo humano e representação de sua força criadora, podendo assim contemplar neles a objetivação de sua essência humana, em suma o trabalho não só antecede a arte,mas a torna possível.

2. O NASCIMENTO DA ARTE

A arte é um reflexo da vida social, sendo assim para falar do nascimento da arte é preciso analisar antes a origem da sociedade primitiva, seguindo uma corrente materialista da história não poderia começar de outra forma que não fosse pelo ponto de vista econômico e das relações de trabalho, ou seja, da produção.

Para Plekhanov, economia enquanto atividade pressupõe certa Preocupação, não só pelo presente imediato, mas também pelo futuro; pressupõe o aproveitamento cuidadoso do tempo e sua adequada distribuição. Economia significa trabalho, valoração das causas, ordenação de seu consumo, transmissão das aquisições culturais de geração em geração.

A economia da sociedade primitiva era uma economia comunista. Um exemplo disso era a questão do alimento um bem indispensável à sobrevivência. A busca por alimento apresentava no princípio um caráter social e não individual, da mesma maneira que os demais animais que viviam em grupo, o homem primitivo busca alimento em conjunto, juntando forças na busca por alimento. Um exemplo disso são os bosquímanos povos caçadores-coletores (os bosquímanos, ou homens dos bosques, vivem no sul da África há pelo menos 100 mil anos, segundo datação de carbono em pinturas feitas nas rochas, eles caçavam e colhiam frutos na savana e nos bosques quando os negros bantos vieram do norte e tomaram suas terras para plantar e criar animais há cerca de 2.500) essa tribo se reunia para caçar em grupos de até trezentos homens, o que demonstra um acordo com finalidade produtiva, e também uma organização do tempo, um trabalho conjunto. Eles também tinham a preocupação de fazer reserva de alimento, guardando a caça em tronco de árvores, demonstrando dessa forma uma preocupação com o futuro, ou seja, fazer reservas implicava em pensar não apenas no presente.

Outro exemplo da economia formada por bases comunistas são os Mincopos que habitavam as ilhas Andamão na Índia. Esta tribo vivia em clãs e assim, como os bosquímanos realizam caçadas coletivas sendo que os animais abatidos pelos jovens solteiros era propriedade de todos e a divisão era feita pelo chefe do clã. Todos os membros da comunidade realizam trabalhos em benefício dos demais, sendo assim mesmo os que não participaram da caça têm direito a receber parte dela.

Se analisarmos a arte como um reflexo da vida social, não poderíamos falar de

uma arte primitiva se nessa sociedade predominasse a busca individual por alimento, nem se não houvesse qualquer atividade conjunta entre os membros dessa sociedade. Esses são dois exemplos demonstram os primeiros traços de atividade econômica presentes nas tribos primitivas. Nesses exemplos podemos verificar que a busca por alimento teve desde o princípio um caráter social e não individual.

2.1 AS FERRAMENTAS NO SURGIMENTO DA ARTE

Quando cria ferramentas o homem não transforma apenas os objetos, mas insere neles seus desejos e propósitos humanos. Os objetos naturais que passam por transformação e são utilizados pelo trabalho humano tornam-se ferramentas.

O aprimoramento das ferramentas permitiu ao homem ampliar seu domínio sobre a natureza. A natureza se torna instrumento da atividade humana, o homem se apodera da matéria natural, modificando-a afim de que se torne útil para sua vida.

Os objetos que o homem tira da natureza distanciam-se em aparência dos objetos naturais nos quais tiveram origem. O homem não cria mais por mera imitação dos elementos que encontra no ambiente, mas o acúmulo de conhecimento possibilita escolher quais objetos precisa criar. Tomando conhecimento cada vez maior de si mesmo e do ambiente que o cerca o homem toma o lugar da natureza e se apresenta a ela como ser criador.

O homem percebe que alguns instrumentos são mais eficientes que outros e que eles podem ser substituídos e aprimorados, afim de se tornarem mais eficientes no atendimento de suas necessidades. Quando o homem começa a manipular objetos, utilizando-os como ferramentas, ele descobre que pode alterar a forma do objeto como, por exemplo, tornar uma pedra pontuda ou cortante tornando-se assim uma ferramenta útil. Ele não apenas transforma o objeto em ferramenta, mas realiza no objeto seu objetivo, objetivando algo que já estava na sua consciência, a incorporação de um propósito, a consciência no ato de fazer deriva de um constante retorno ao objeto natural, só depois de varias experiência consegue obter o resultado esperado.

Com a utilização de instrumentos, em principio, nada mais é definitivamente impossível. Basta encontrar o instrumento adequado para conseguir aquilo que anteriormente não podia ser conseguido. Conquistou-se uma nova força sobre a natureza e esta nova força é potencialmente ilimitada. Nessa descoberta, precisamente, está umas das raízes da mágica e, por conseguinte,

da arte. (FISCHER, 1987.p.26).

A criação das ferramentas é o primeiro passo dado pelo homem para a humanização da natureza e a autoafirmação enquanto ser criador e transformador.

2.2 O PODER DAS PINTURAS, DA IMAGEM E DA DANÇA.

Para as tribos primitivas, construir uma cabana para se abrigar da chuva e fazer imagens não tem diferença no que se refere à utilidade, já que as imagens são feitas para protegê-las contra outros poderes que para eles são tão reais quanto as forças da natureza.

Estes povos enxergam nas imagens algo poderoso para ser usado e não algo belo para ser admirado. Isso demonstra que antes de ser visto do ponto de vista estético as pinturas tiveram uma função prática-utilitária. A respeito disso Fischer ressalta que: *“Nos alvares da humanidade, a arte pouco tinha a ver com a “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética, com o desfrute estético: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência”*. (1987, p.45)

Os homens desse período representavam nas pinturas os animais que caçavam. Eles acreditavam que pintar um animal ferido ou passar a lâmina de sua lança na imagem do animal ia lhes permitir domínio sobre o animal que desejavam abater. A partir disso é possível evidenciar que nessa fase do período pré-histórico as pinturas estavam ligadas ao trabalho da caça, não tendo ainda uma função artística.

Da mesma forma as danças entre os povos primitivos também aparecem ligadas às atividades do trabalho. As danças tribais antes de uma caçada têm por objetivo aumentar o poder do caçador, a pintura e os gritos de guerra ajudam a aumentar o poder do guerreiro contra o animal. Muitas danças são simples imitação dos movimentos dos animais, ou dos movimentos realizados na atividade da caça e da agricultura. Todas essas danças eram uma forma de representação do processo de produção desses povos, elas representam mais um exemplo da ligação entre atividade artística e a atividade laboral. Essas danças ajudam a preparar os homens para a caça e tem função de passar experiência, visto que as crianças ao imitar os movimentos dos adultos vão adquirindo conhecimento dessa atividade de trabalho, ou seja, um exemplo de que nessas comunidades já tinham um traço de economia, a preocupação de passar informação para

a geração futura. As danças também são a expressão do prazer que a atividade laboral causa no homem primitivo, quando os nativos reproduzem na dança os movimentos dos animais o fazem também pelo desejo de sentir novamente o prazer causado pelo uso da força durante a caça.

O mesmo ocorre nas danças de guerra que tem dupla finalidade, deixar os adultos sempre prontos para o confronto com tribos inimigas e ensinar aos mais jovens a arte da guerra. Segundo Plekhanov o que se trata não é do exercício, mas de que a atividade utilitária, além do exercício do prazer que este provoca, conduz também a algum fim prático .

Mas para esses povos antes da dança, da pintura e da imagem encontra-se o trabalho, eles dançam para representar movimentos feitos no trabalho, e as imagens e pinturas tem a finalidade auxiliar na atividade da caça.

2.3 O PAPEL DO JOGO CÊNICO NAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS DOS POVOS

A busca do homem por alimentos começou da mesma forma que faziam os animais que viviam em sociedade, juntando forças para tomar para si os produtos oferecidos pela natureza. Se compartilharmos da mesma visão de Plekhanov que define economia como atividade conjunta dos homens para obter mantimentos, será possível perceber que a busca por alimento consiste nas primeiras formas de atividade econômica.

Para compreendermos melhor a passagem da simples procura de alimento para a atividade econômica, precisamos entender qual é a linha divisória que separa o “trabalho” do “jogo cênico” compreendendo também o papel do jogo cênico nas atividades artísticas dos povos primitivos.

Em seu livro “Cartas sem Endereço” Plekhanov usa o gato como exemplo para demonstrar a origem do jogo cênico: quando o gato persegue um rato, mais do que o prazer experimentado pelo exercício , ele ganha algo que necessita nesse caso o alimento que satisfaz sua fome. O que acontece não é somente um exercício, mas uma ação utilitária, que provoca além do prazer um fim prática que nesse caso é conseguir alimento. No entanto, quando corre atrás de um novelo de lã só obtém o prazer lúdico oferecido pelo jogo. Como isso explica a origem do jogo cênico? Os animais inferiores

conhecem apenas a atividade utilitária, todas as suas forças estão voltada para executar as funções necessárias para garantir sua sobrevivência, mas na escala dos animais superiores graças à melhor alimentação e ao acúmulo de força que precisa ser gasto, quando o animal joga, ele emprega essa força acumulada.

Os animais exercitam no jogo cênico suas forças. Nesse jogo os animais costumam representar suas atividades úteis. Um exemplo disso são os animais carnívoros, que representam nos seus jogos a perseguição desempenhada durante a caça. Isso demonstra que nos animais a atividade útil, vem antes do jogo cênico.

Assim como os animais, o homem também faz uso do jogo cênico. É fato que os nativos imitam em suas danças os movimentos de diferentes animais, e que esta imitação do movimento do corpo do animal compõe uma parte fundamental da caça. Sendo assim quando o caçador deseja experimentar novamente o prazer proporcionado pela caça usa em suas danças os movimentos feitos pelos animais que caça. Entre os homens, a atividade que busca um fim utilitário, a atividade que depende para sobreviver vem antes do jogo cênico e gera seu conteúdo. Desta maneira é possível concluir que o jogo cênico é filho do trabalho, conseqüentemente vem depois deste no tempo. Há danças, que são simples reprodução dos movimentos do trabalho. Um exemplo disso é o da mulher australiana que representa em uma das suas danças a retirada de raízes comestíveis da terra. Ao ver a mãe dançando a filha imita seus movimentos e dessa forma podemos ver que o jogo cênico deriva do trabalho e que nesse caso também serve para passar para a geração futura uma técnica de trabalho. Sobre esse período das tribos caçadoras onde tudo contorna a atividade prática Houser diz:

Nesta fase da vida exclusivamente prática, tudo girava como é óbvio, em torno da mera preocupação de arranjar alimentos; nada justifica, portanto, que se admita que a arte satisfazia a qualquer outro objetivo que não fosse o de constituir simples meio de auxiliar a obtenção desses alimentos. (HAUSER, 1982, p.16)

O jogo cênico e mais amplamente a arte, se desenvolve a partir do trabalho, sendo assim é possível concluir que a arte é filha do trabalho. *“O homem considera primeiro os objetos e os demais fenômenos do ponto de vista utilitário e unicamente depois adota sua atitude ante eles do ponto de vista estético”*. (PLEKHANOV, 1964).

3. ARTE COMO TRABALHO

Conforme a análise feita nos capítulos anteriores, a arte é uma forma de trabalho, é raiz que nasce do trabalho, visto que o trabalho não é apenas a produção de objetos úteis de um ponto de vista prático-utilitário, mas também produção de objetos com capacidade de materializar as forças essenciais do homem. O aprimoramento dos objetos criados pelo trabalho, e o distanciamento cada vez maior entre a necessidade e a satisfação imediata, fez com que os homens passassem a ver os objetos criados a partir do seu ponto de vista estético, a fim de suprir suas necessidades espirituais e elevar sua natureza criadora.

Para Marx a arte não é uma atividade humana acidental, mas um trabalho superior no qual o homem explicita suas forças essenciais como ser humano e as objetiva ou materializa num objeto concreto-sensível.

Tanto a arte como o trabalho refletem a capacidade criadora do homem, mediante sua comum ligação com a essência humana. Os objetos artísticos têm por finalidade reproduzir sentimentos e ideias, ou seja, elevar ainda mais a capacidade de expressão e afirmação do homem já explicitada nos objetos do trabalho. A obra de arte aumenta a capacidade de expressão do homem, na medida em que pode criar um objeto que sirva apenas como meio de imprimir suas forças essenciais e sentimentos.

O trabalho artístico satisfaz a necessidade humana de comunicação, expressão, afirmação, através da impressão de conteúdos e significados nos objetos que cria. O produto do trabalho não-artístico é um objeto útil fruto de um trabalho humano real, que tem um valor de uso e atende à determinada necessidade humana. Este tipo de trabalho é denominado por Marx como trabalho concreto. Um trabalho que interliga homem, trabalho e objeto, é considerado um trabalho qualitativo. A arte vem a ser então a máxima expressão do concreto humano, do que tem de qualitativo no homem e no que produz. Sendo assim o trabalho artístico é um trabalho concreto superior que eleva ainda mais a capacidade de criação do homem, o que já acontecia no trabalho primário. A obra de arte resulta de um trabalho específico pessoal. O artista dá forma à matéria e expressa em seu conteúdo as necessidades espirituais humanas. O artista cria por necessidade interna e o resultado desse trabalho é único e irrepetível.

Para entender melhor as especificidades da criação artística é importante citar o resumo feito por Vazques dos fundamentos estéticos presentes nos manuscritos

econômico-filosóficos de Marx:

- a) Existe uma relação peculiar entre o sujeito e o objeto (criação “segundo as leis da beleza” ou “assimilação artística da realidade”), na qual o sujeito transforma o objeto, imprimindo determinada forma a uma matéria dada. O resultado é um novo objeto, objeto estético, no qual se objetiva ou explicita a riqueza humana do sujeito.
- b) Esta relação entre sujeito e objeto, relação estética, tem um caráter social; desenvolve-se sobre uma base histórico-social no processo de humanização da natureza, mediante o trabalho, e de objetivação do ser humano.
- c) A assimilação estética da realidade alcança sua plenitude na arte como trabalho humano superior, que tende a satisfazer a necessidade interna do artista de objetivar-se, de expressar-se, de explicitar suas forças essenciais num objeto concreto-sensível. Ao libertar-se da utilidade material, estreita, dos produtos do trabalho, a arte eleva a um nível superior a objetivação e afirmação do ser humano que, no marco da utilidade material, se dá e m forma limitada em tais produtos.
- d) A relação estética do homem com a realidade, enquanto relação social, não cria apenas o objeto, mas também o sujeito. O objeto estético só existe em sua essência humana, estética, para o homem social.
- e) A arte se aliena quando cai sob a lei geral da produção mercantil capitalista, isto é quando a obra de arte se transforma em mercadoria. (VÁZQUEZ, 1978, p. 95-96).

Entendendo melhor as relações específicas do trabalho artístico entre homem e objeto, podemos perceber que o valor estético dos objetos é determinado por seu conteúdo humano, e que suas propriedades só tem valor quando atendem a uma necessidade humana e estas só tem valor para o homem enquanto ser social.

A arte não pode existir à margem da sociedade já que as relações estéticas se desenvolveram a partir das ligações sociais estabelecidas no trabalho. A arte é atividade social em todas as suas formas, na linguagem, na dança, nas pinturas, no teatro, nas esculturas e eleva o poder do homem sobre a natureza. Sendo a arte um elemento social, arte e sociedade não podem se ignorar.

A relação entre arte e sociedade passou por grandes mudanças no decorrer dos períodos históricos. Essas mudanças se deram tanto na relação do artista com a sociedade quanto da sociedade com o artista. Assim como a sociedade passou por grandes transformações, o homem também se modifica e se transforma ao longo da história.

As relações entre arte e sociedade, nem sempre foram tranquilas. O artista pode criar tanto para expressar sua concordância com os valores de determinada sociedade ou como forma de protesto e fuga, e a sociedade, por sua vez, pode se mostrar favorável ou hostil à obra do artista, dar maior ou menor liberdade a sua criação. Segundo Vazques:

A finalidade última da obra de arte é ampliar e enriquecer o território do humano (...). O valor supremo da obra de arte, seu valor estético da obra de arte o artista o alcança na medida em que é capaz de imprimir uma forma determinada a uma matéria, a fim de objetivar um determinado conteúdo ideológico e emocional humano (...). (1978, p.124).

No entanto esta finalidade última da obra de arte ocorre ao lado de outros valores como os de ordem política, moral ou religiosa. Estes valores assumem nas diferentes sociedades ao longo da história, maior ou menor importância. Quando o artista cria imprimindo em sua obra o valor dominante na sociedade, ele se afirma como membro da comunidade, e a comunidade se reconhece em sua obra.

Não pretendo neste trabalho fazer um estudo complexo das sociedades ao longo da história, mas acho importante discorrer de forma resumida por algumas delas, para fazer uma breve análise da relação entre arte e sociedade, e poder assim demonstrar como essa relação se torna problemática na sociedade capitalista.

Começo minha análise pela sociedade grega clássica. Nessa sociedade o artista criava para a comunidade, para a cidade-estado. Aqui não havia um comprador no âmbito privado, o artista era subsidiado pela Pólis (cidade-estado). Para os membros da sociedade grega nada era mais importante do que fazer parte da comunidade, o artista também acreditava que só como membro da Pólis podia expressar sua essência criadora. A própria Pólis via no artista um meio para objetivar suas ideias. A arte era um meio para formar politicamente os cidadãos, uma vez que na sociedade Grega o valor dominante era a política e a arte estava a serviço dela.

Na Idade Média o artista também criava de acordo com os valores sociais dominantes, mas agora não era mais a Pólis e sim a igreja o principal comprador da criação artística. O artista se encontrava subordinado a seu comprador a Igreja, mas para ele essa relação não era de conflito, já que para o artista o conteúdo religioso também era um valor fundamental.

A partir do renascimento não há mais um comprador principal das obras de arte. As obras passam a ser compradas por diferentes indivíduos, mas a relação entre os diversos compradores e os artistas se mantém direta e pessoal, ainda que não se mantenha a mesma unidade ideológica da sociedade medieval. Nessa nova relação o artista é forçado a atender os mais variados gostos, o que gera um conflito na necessidade criadora do artista, que se sente subordinada a diferentes necessidades dos compradores. Isso, no entanto, não acontece de forma radical já que ambos vêm a arte

como a expressão da natureza criadora do homem e ainda há um compartilhamento de conteúdo e valor ideológico.

Ainda no Renascimento as relações entre arte e sociedade começam a se modificar, com o surgimento de uma nova classe social, a burguesia. Entretanto, nesse primeiro momento da ascensão da burguesia, a arte ainda é vista como produção espiritual, ferramenta ideológica que o burguês necessita para objetivar sua visão de mundo, valores e ideias e como forma de entretenimento a fim de tornar sua vida mais agradável.

Mas, com o desenvolvimento do capitalismo, estes laços pessoais acabam por se dissolver. Na fase anterior, o artista produz para um consumidor que conhece previamente; na fase de transição o artista já não produz para um consumidor prévio, mas, uma vez criada a obra, o artista entrará numa relação pessoal com ele ao lhe oferecer sua criação. Na nova etapa capitalista, dissolvem-se os laços concretos pessoais, entre um e outro; o produto já não se cria para um consumidor cuja face conhece desde o primeiro momento, ou para o consumidor que conhecerá após o terminar seu trabalho, e que, portanto, não influi nas características de sua criação, mas para um consumidor alheio, futuro cujas faces jamais verá e que, no entanto, em que pese seu caráter abstrato e invisível, não poderá deixar de levar em conta no curso de seu trabalho criador. Entre o produtor e o consumidor, interpõe-se um mundo invisível e estranho: o mercado. O artista, na realidade, não cria para um consumidor concreto que não conhece. Produz, propriamente, para algo tão abstrato quanto o mercado. (SANCHES VAZQUES, 1978, p.194).

A partir do final do século XVIII com a revolução industrial algumas mudanças no sistema de produção como a substituição do trabalho manual pela produção mecânica, e a substituição da oficina pela fábrica, fazem com que as relações entre cliente e artista vão se tornando cada vez mais impessoais e abstratas. O aumento da produção faz com que produtos antes considerados peculiares, ou seja, produtos que não eram vistos como fonte de lucro passem a ser submetidos às leis do mercado. Com os produtos artísticos sendo absorvidos pelo mercado as relações entre produtor e comprador tornam-se definitivamente abstratas.

Com o crescente aumento da produção, são dissolvidas as relações diretas entre o produtor e consumidor, lançando todos os produtos num mercado anônimo para serem vendidos ou comprados. Nos períodos anteriores o artista criava para atender a uma encomenda prévia agora o financiador individual foi substituído por um mercado livre no qual as obras de arte são avaliadas por consumidores anônimos denominados público. A obra de arte se vê cada vez mais subordinada à competição. O artista, portanto, não cria mais para ninguém em particular, mas sim para esse consumidor

abstrato que é público. Artista e público se encontram separados pela impessoalidade imposta pelo mercado.

Até o momento histórico que chegamos com esta panorâmica, na sociedade grega, na Idade Média, e também no Renascimento, o artista criava em harmonia com a sociedade. A partir do Romantismo o artista se isola da sociedade, ou seja, até então ele criava de acordo com os valores da classe dominante da sociedade a qual pertencia, mas a partir do século XIX com o desenvolvimento cada vez maior da sociedade capitalista, passa a ter uma relação contraditória com os valores da sociedade à qual pertence. Segundo Fischer (1987, p.62) “*O romantismo foi, seguramente, uma quebra.*” O artista rompeu com a sociedade, se posicionou contra as leis de produção capitalista, e com isso buscou afirmar sua liberdade, mas uma liberdade necessária já que não podia deixar sua obra se integrar ao universo abstrato e quantificado da sociedade capitalista. Esse rompimento apresenta um caráter social, ou seja, tem raízes sociais. Uma sociedade na qual o trabalho se torna abstrato, voltando-se para a realização de atividades esvaziadas de significação humano e social, e sendo a arte segundo Vazquez a máxima expressão do conteúdo e significado humano, ela não poderia se deixar absorver pelas leis abstratas da sociedade capitalista sem perder as características que a elevam a tal colocação. A respeito desse processo de perda do conteúdo humano no trabalho e seu reflexo sobre a criação artística, Vazquez faz referência a Ortega:

Muito se falou, nas últimas décadas seguindo Ortega, da “desumanização da arte”. Os que assim falavam, contudo, não percebiam a “desumanização do homem” como processo característico da sociedade burguesa, na qual, sob o império da produção de mais-valia, o homem se degrada à condição de meio, coisa ou mercadoria. Os que assim falavam não conseguiam ver que esta suposta “desumanização da arte” era uma resposta — não sem riscos para a própria arte — à desumanização do próprio homem. Estes riscos existiam, evidentemente, e o artista viu-se arrastado a eles pelas condições peculiares nas quais se colocava a tarefa de salvar o concreto humano. O artista moderno lançou sobre si uma carga que ultrapassava suas forças, pois a reconquista do concreto humano, a afirmação do homem num mundo alienado, não podia ser uma tarefa exclusiva da arte. (1978, p.127).

Para conservar sua liberdade e afirmar-se como ser concreto, o artista renega os princípios da sociedade capitalista, mas com isso coloca em risco os valores vitais da própria arte. Quanto mais se distancia da sociedade, mais a arte vai perdendo sua capacidade de comunicação, uma das essências fundamentais da arte. Na tentativa de preservar sua natureza criadora, para não ser transformada em mercadoria juntamente com os objetos criados pelo trabalho, a arte passa a existir cada vez mais à margem da

sociedade.

Os valores da sociedade capitalista se vinculam no poder da produção material, primeiramente, a ampliação da produção expressa o domínio do homem sobre a natureza em grande escala, mas a produção não expande seu domínio somente sobre a natureza, mas também o estende sobre o próprio homem. Quanto mais a produção material avança e tudo acaba sendo submetido as suas leis, a existência humana acaba se coisificando, ou seja, perde suas características humanas e espirituais tornando-se abstrata. Numa sociedade onde prevalece o abstrato e tudo se quantifica, a arte que segundo Vazquez é a maior expressão do concreto e qualitativo humano, entra em contradição com ela. Pela primeira vez arte e sociedade se contradizem radicalmente.

4. ARTE COMO MERCADORIA

Segundo Fischer, assim como o Rei Midas transformava tudo que tocava em ouro, a sociedade capitalista transforma tudo em mercadoria, e numa sociedade onde tudo é tratado como mercadoria a obra de arte não deixaria de ser tratada da mesma forma. E sendo que mercadorias são na verdade trabalho humano materializado, para entender as relações do sistema capitalista com a produção artística, vai ser preciso primeiro adentrar e compreender o mundo das mercadorias e o trabalho humano no capitalismo.

A mercadoria segundo Marx é um produto do trabalho do homem, que se caracteriza por ser um objeto que, a partir de suas propriedades materiais, tem a característica que satisfazem as necessidades do homem, por isso, possui um valor de uso, segundo Marx (1996,p.166) *“A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso”*. Esses valores são diferentes qualitativamente de uma mercadoria para outra, ou seja, cada mercadoria tem um valor de uso específico na medida em que cada uma satisfaz uma necessidade humana diferente. Mas na sociedade capitalista os homens não produzem para satisfazer diretamente uma necessidade particular sua ou comunitária, mas sim como meio para satisfazer outras necessidades, o produto do trabalho é destinado para o mercado. O produto do trabalho vai para o mercado para ser trocado por outro produto distinto de si próprio. Ocorre assim uma nivelção de todos os produtos do trabalho a fim de serem convertidos em objetos de troca. Nas palavras de Marx (1996, p.167) *“Como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de diferente qualidade, como valores de troca só podem ser de quantidade diferente, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso”*.

Quando o que prevalece é o valor de uso do objeto, ele vale por sua relação com o homem, ou seja, sua capacidade de objetivação humana, por outro lado, quando significa por seu valor de troca o objeto perde sua relação com o homem, sua qualidade, valendo apenas por características quantitativas. Então podemos concluir que a mercadoria no capitalismo perde suas características humana, e perdeu seu valor de uso, sua relação com as necessidades humanas. Se avaliarmos o produto do trabalho como um objeto útil, por seu valor de uso, teremos um objeto que é produto de um trabalho real:

Mas, numa sociedade na qual se produz, sobretudo para o mercado, os

produtos têm de ser equiparados fazendo-se abstrações de suas qualidades, de suas propriedades úteis, de sua significação humana. O valor de acordo com o qual se compara uma mercadoria com outra não é seu valor de uso, ou capacidade para satisfazer determinada necessidade. (VAZQUEZ, 1978, p.211).

Por outro lado os objetos que significam por seu valor de uso, valem por si mesmos, eles se diferenciam qualitativamente, mas o valor de um é indiferente ao valor do outro, ou seja, não há uma unidade de separação, cada objeto vale por sua capacidade de satisfazer determinada necessidade humana. Os produtos do trabalho só podem ser equiparados, quando apaga-se seu valor de uso e suas qualidades para satisfazer as necessidades humanas.

Contudo *“deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho”* (MARX, 1996, p.167). Retirando dos produtos do trabalho seu valor de uso, eles podem ser padronizados, como parte de um trabalho comum, ou seja: *“[...] o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho despendido durante a sua produção [...]”* (MARX, 1996, p.169). Sem seu valor de uso, os diversos trabalhos concretos, diferenciados por suas qualidades, podem ser tabelados, iguados como partes de um trabalho humano, sem ser levado em conta suas especificidades de forma e conteúdo, nem a significação humana de cada de produto. Os produtos do trabalho e conseqüentemente o trabalho em si, perdem seu caráter qualitativo específico, sua utilidade que visa satisfazer as necessidades humana, pra atender as necessidades do capital, produzir valor de troca. Este trabalho que perdeu seu valor qualitativo, que cria valor de troca, é definido por Marx como trabalho geral abstrato. Dessa maneira o trabalho abstrato consegue nivelar os diferentes tipos de trabalho humano quantitativamente como partes de um trabalho único. O que torna também, o tempo do trabalho abstrato, já que não se leva em conta os tempos particulares para fazer cada produto.

Ao mesmo tempo em que o trabalho é a fonte de humanização e é o fundador do ser social, sob a lógica do capital se torna degradado, alienado, estranhado. O trabalho perde a dimensão original e indispensável ao homem de produzir coisas úteis, que visam satisfazer as necessidades humanas. Sob a lógica do capitalista de trabalho Adorno afirma que *“não importa que o trabalho seja criador, mas sim que seja útil, o que vale dizer, que seja de algum modo rentável”* (1978, p.47).

A obra de arte é um objeto criado por meio de um trabalho específico, que

também produz um objeto útil que satisfaz a necessidade humana de comunicação e expressão, o homem cria obras de arte por necessidade. Sendo assim a arte tem um valor de uso para o homem, o valor de uso da obra de arte está vinculado à determinada qualidade do objeto, que o homem imprime na obra.

Por seu valor de uso, a obra de arte é o produto de um trabalho concreto, isto é, de um trabalho específico, peculiar e pessoal, cuja peculiaridade se acha determinada pelo conteúdo que se quer fixar no objeto concreto-sensível, e pela forma peculiar que se deve imprimir a uma matéria dada criada, por meio do trabalho. Sendo assim: para poder expressar e objetivar conteúdo. (VAZQUEZ, 1978, p.214)

Deste modo, a obra de arte é, também, produto do trabalho humano, por tanto objeto de valorização ao menos em termos de valor de uso. A produção artística, a arte, existe, afirma Marx para satisfazer as necessidades estéticas do homem. Marx vê nestas atividades, como em todas as outras atividades humanas, um caráter utilitário.

A obra de arte vale por suas determinações específicas, pelas qualidades estéticas que o artista imprime no objeto, sendo assim a atividade artística não pode ser indiferente aos aspectos individuais e qualitativamente distintos presentes nela. Não se pode reduzir o trabalho artístico a uma unidade de tempo, ou seja, reduzir a um tempo de trabalho comum, tempo socialmente necessário para sua produção. O tempo de trabalho não serve como medida na determinação do valor da obra de arte. Sua produção pode levar algumas horas como também alguns anos. O valor da obra de arte esta no seu poder de satisfazer a necessidade que o homem tem de objetivar sua natureza criadora, num objeto concreto-sensível, e não no tempo socialmente necessário para se produzir tal obra. O trabalho artístico não pode ser equiparado quantitativamente, sem que a obra de arte perca suas verdadeiras qualidades, ou seja, seu caráter criador e concreto. Cada obra de arte vale por si mesma, por seu valor de uso que é a capacidade de satisfazer necessidades humanas. Sendo assim “*o valor de troca de uma mercadoria, diferentemente do valor propriamente estético, não leva em conta as propriedades sensíveis, a forma do objeto*” (VAZQUEZ, 1978, p.216). Quando a obra de arte perde suas qualidades específicas, sua relação com o homem, através da abstração de seu valor de uso, ela se converte em mercadoria, e assim como os demais produtos do trabalho humano acaba sendo submetida ao sistema capitalista de produção.

Quanto mais a atividade artística é submetida às leis de produção capitalista,

mais vai perdendo suas qualidades estéticas, e sendo o estético o valor específico da obra de arte, ela perde seu valor social, sua relação com a significação humana. O que a caracteriza quando é convertida em mercadoria é seu valor de troca, sendo submetida às leis de oferta e procura que prevalece no mercado. Repete-se com a obra de arte o mesmo que acontece com os produtos do trabalho, mas para a obra de arte essas consequências são ainda mais graves, conforme observa Vazquez:

Com a obra de arte, repete-se —, mas com consequências ainda mais duras — o que ocorre com os produtos do trabalho concreto. Um objeto humano deixa de ser visto por sua significação humana. Porém, tratando-se de um objeto artístico, cuja razão de ser reside precisamente no fato de expressar o humano, de testemunhar objetivamente a presença do homem, de testemunhar objetivamente a presença do homem, isto é ainda mais grave, já que o trabalho artístico — como vimos — não é redutível a um trabalho geral abstrato que fosse substância de seu valor de troca. (1978, p. 217)

Sob o capitalismo a obra de arte interessa apenas como produto de troca e produção para o mercado, o capitalismo é apático aos verdadeiros valores da obra de arte, sendo que o que interessa para ele é a produtividade, a produção de mais-valia.

5. ALIENAÇÃO, PERDA DO CARÁTER ARTÍSTICO DO TRABALHO

Conforme já analisamos anteriormente o trabalho segundo os princípios marxistas é compreendido como momento determinante na relação do homem com a natureza. O trabalho altera a natureza do homem, por meio de sua atuação sobre o meio natural, executando a ação de produção e reprodução do homem e da natureza. Não há trabalho humano sem consciência, sem finalidade, na medida em que todo o trabalho corresponde a uma necessidade.

Por intermédio do seu trabalho o homem constituiu a si mesmo duplamente, não só intelectualmente, na consciência, como na realidade, transformando o mundo por seu trabalho, contemplando-se dentro de um mundo feito por ele mesmo. Nos “*manuscritos econômico-filosófico de 1844*”, Marx trata da alienação do homem, através do estranhamento do produto de seu trabalho e conseqüentemente o estranhamento de todo o processo de trabalho e do próprio homem em relação a ele. A alienação do homem começa, a partir do momento em que o homem se separa da natureza por meio da produção.

Nos *Manuscritos*, a formação humana é avaliada na relação entre o processo histórico de objetivação do gênero humano através do trabalho. Para chegar até o ponto de alienação se faz necessário retomar brevemente o processo de formação do ser social, até a sociedade capitalista.

O trabalho para Marx é a categoria que define o ser social. Desta maneira, se compreendido em sua origem histórica e material, o trabalho permite compreender o homem como ser que tem a necessidade de produzir os seus próprios meios de existência, seja ela material ou peculiar.

Vimos também que os seres humanos, a partir de um ponto de sua evolução biológica, se tornam capazes de realizar a atividade denominada trabalho, que consistia na transformação de objetos da natureza como meio para aplacar suas necessidades. Na sociedade capitalista porem, a palavra trabalho faz referencia, ao emprego, a uma profissão, ou seja, um processo de troca, onde o homem desempenha uma atividade em troca de um salário. O que segundo Marx transforma a força de trabalho em mercadoria, onde o operário vende sua força de trabalho.

O trabalho como atividade livre e consciente objetiva a consciência criadora do homem, e é fundamento da liberdade do homem. O trabalho é um fator determinante na

relação do homem com a natureza, e fundamento para a humanização do ser e do meio. Por meio do trabalho o ser humano incorpora a natureza, e ocorre a “*passagem de um mundo em si a um mundo humano que só existe como resultado da atividade do homem — passagem, portanto, do não-ser ao ser —*”, o trabalho é criação de um novo ser. É esta a grandeza do trabalho humano” (VAZQUEZ,1978,p.226). O homem define-se, significa-se, objetiva-se pela produção e quando produz o que só pode fazer socialmente, encontra-se na esfera do Humano. Mas segundo Marx no processo de produção capitalista o trabalho perde suas características fundadoras, isto é, deixa de ser atividade consciente, livre e criadora, e nas condições capitalistas de produção se converte em atividade alienada. Deixando de ser atividade livre fecunda e passando a ser uma atividade forçada, que não é usada para satisfazer uma necessidade e sim como meio para satisfazer outras necessidades. A produção capitalista desenvolve uma relação inumana entre o homem e os objetos produzidos, fazendo com que o homem deixe de estar a serviço dele mesmo.

O estranhamento do trabalho em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômica, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valor cria, mais sem-valor e indigno se torna; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2010, p.82).

No processo de produção capitalista Marx ressalta que o trabalhador perde a relação imediata com os objetos produzidos por ele. O que resulta na alienação e negação do humano, ou seja, da capacidade criadora do homem. Nas palavras de Vazquez “o trabalho perde seu cará ter artístico [...] na medida em que se separa [...] dos diferentes ingredientes do próprio trabalho, estabelecendo uma relação de exterioridade ou indiferença entre eles” (1978, p.226). O que acontece é que o produto do trabalho, quando tomado pelo capital, se transforma, e torna-se algo que não exprime a individualidade do trabalhador, mas pelo contrário, confronta-se com o trabalhador como um ser contrário e estranho, como um ser alheio ao ser que o produziu. Este é o conceito de alienação e exteriorização citado por Marx nos *manuscritos econômico-filosófico de 1844*.

Mas o estranhamento não acontece apenas no resultado do trabalho, ou seja, no objeto, mas também, na ação produtiva, incluso na própria atividade produtiva.

Como poderia o trabalhador defrontar-se alheio ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo? O produto é, sim, somente o resultado da atividade, da produção. Se, portanto, o produto do trabalho é exteriorização, então a produção mesma tem de ser a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. (MARX, p.82).

Como Vazquez assinala tudo torna-se alheio para o trabalhador, seu trabalho, os instrumentos de trabalho e o produto do trabalho. O operário se encontra em alienação profunda, o que resulta em um empobrecimento tanto material quanto espiritual. A exteriorização da atividade produtiva mergulha o homem na pobreza absoluta, o homem perde em sua natureza criadora, o que tem de vivo e concreto no trabalho que é para ele a atividade vital, pela qual se diferencia do seu ser animal. A alienação chega a tal ponto que o trabalhador só se sente verdadeiramente livre, vivo “[...] *em suas funções animais, comer, beber e procriar [...], e em suas funções humanas só (se sente) como animal. O animal se torna homem, e o humano, animal.* (MARX, 2010, p.83).

Sendo que o produto do trabalho na sua forma viva contém a atividade humana, nele fixada, desta forma o produto é objetivação do trabalho, isto é, energia transformada em objeto. A concretização essencial do trabalho é a sua objetivação. Nesse contexto o produto do trabalho é a realização efetiva do sujeito. Através de sua atividade o indivíduo torna o sujeito em um objeto social. Porém nas condições do trabalho assalariado, o produto do trabalho é uma mercadoria que pertence ao capital, ou seja, esta separação do produto realizada pela economia capitalista gera a perda do objeto e servidão a ele. O que faz com que “*esta abstração e indeterminabilidade atingem tanto a relação entre capital e trabalho, e a relação entre produtor e seu trabalho, quanto as relações entre os homens*”. (VAZQUEZ, p.228).

O trabalho como atividade autorrealizadora, isto é, como objetivação da vida do homem, é atividade consciente, alcançada pelo gênero humano, e é objetivação histórica e social.

O objeto é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca (entreisst) do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica [...]. A consciência que o homem tem do seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento, de forma que a vida genérica se torna para ele um meio. (MARX, 2010, p.85).

Desta maneira podemos verificar que Marx faz referência ao estranhamento do

homem por ele mesmo, o homem perde a consciência do seu ser genérico, isto é, do ser conscientemente representativo do desenvolvimento alcançado pelo gênero humano. O homem não reconhece o produto de seu trabalho e nem a si mesmo, nem o mundo a sua volta, que não o reflete como ser criador, perdendo assim segundo Marx sua essência espiritual e sua essência humana. Vazquez assinala que na perda da essência criadora do homem por meio da alienação do trabalho se dá a perda do caráter artístico do trabalho. O caráter artístico se perde porque o homem deixa de criar para satisfazer primeiramente uma necessidade sua, fazendo com que o ato do trabalho seja forçado e mecânico, trabalhando em troca de um salário e não para produzir objetos úteis a suas necessidades particulares. Diferentemente do que acontece no trabalho concreto, em que objetiva suas forças humanas essenciais, na criação de um objeto concreto com valor utilitário. No trabalho criador o homem não é indiferente, estranho ao produto de seu trabalho, pelo contrário, ele reconhece a si mesmo em sua atividade e no objeto criado por ele. Segundo Vazquez “*o que Marx chama de caráter artístico do trabalho se identifica com seu caráter criador e espiritual e livre; neste plano arte e trabalho se assemelham*” (1978, p.229).

O trabalho enquanto forma de afirmação do homem se assemelha à arte porque assim como ela objetiva e expressa o conteúdo humano. Já o trabalho que é atividade alienada, que produz objetos por seu valor de troca, não interessando seu valor como extensão do humano, mas unicamente seu valor material, é o tipo de trabalho que se opõe radicalmente à arte. Dessa maneira Vazquez assina que a “*arte aparece então como esfera própria da riqueza espiritual perdida na esfera do trabalho*”(1978,p.230).

Desta maneira podemos verificar que arte e trabalho se opõem nas condições alienadas do trabalho capitalista. Na produção material capitalista o trabalho perde seu caráter humano, criador e vivo, tornando-se atividade abstrata, e nesse ponto se diferencia da arte. Porém, originalmente, arte e trabalho se assemelham. O homem aprimorou sua atividade de trabalho no decorrer do processo de sua formação, de forma que possibilitou o desenvolvimento de características específicas, particularidades de uma atividade essencialmente estética. Arte e trabalho se assemelham também na medida em que os dois são uma atividade através da qual o homem cria para satisfazer suas necessidades, tanto materiais quanto espirituais.

Mas como já vimos anteriormente, a produção capitalista transforma tudo em mercadoria, tanto os produtos com valor prático-utilitário, quanto os produtos com valor espiritual. Mas se na alienação do produto do trabalho se encontra a alienação de

todo o processo de trabalho, a atividade artística sofre as mesmas abstrações da atividade do trabalho prático. Nas palavras de Vazquez:

E, no entanto, a arte não podia escapar a eles quando se fazia da atividade artística uma atividade produtiva, quando a obra de arte adquiria o caráter de mercadoria e, finalmente, quando se pretendia que o trabalho artístico tomasse a forma de trabalho assalariado. Por conseguinte, nestas condições, a oposição entre arte e trabalho não consiste somente na perda do caráter artístico deste último, isto é, na perda de seu princípio criador, e, conseqüentemente, no afastamento do trabalho com relação à arte, até o ponto de cancelar sua irmandade originária; consiste igualmente no fato de que a arte perca também, por assim dizer, seu caráter artístico, ou se já, que entre em contradição consigo mesma, na medida em que se tenta estender a ela a forma burguesa de trabalho (...). (1978, p.231)

Da mesma maneira que segundo Marx pelas leis de produção capitalista o trabalho é reduzido à atividade puramente abstrata e mecânica, a atividade artística também acaba por negar suas características fundamentais quando submetida a elas. O que resulta para Vazquez é que na medida em que a produção capitalista avança sobre o trabalho artístico, ela abstrai dele o princípio criador deste trabalho artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo realizado, sobre a perda da significação da arte na sociedade capitalista, tive o propósito de em um primeiro momento, compreender os fundamentos essenciais da arte, na sua constituição histórica, para que, em um segundo momento, pudesse demonstrar que quando submetida às leis da produção capitalista esses fundamentos se perdem. Conforme foi abordado para Plekhanov a arte é um fenômeno social, que nasce do trabalho que segundo Marx é a categoria que define o ser social. Para demonstrar que na sociedade capitalista a arte perde seu significado é preciso falar da alienação do homem no trabalho. Marx propõe em sua obra examinar os fatos históricos, através de uma análise crítica, para demonstrar como se deu o processo de alienação. Esta análise assinala que o modo de trabalho alienado faz com que se desenvolva um processo de alienação do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho e da mesma maneira da atividade em si. Resultando assim na alienação da essência do homem, na medida em que o seu criador alienasse da natureza de si mesmo. Desta forma fica constatado que a alienação do homem nas condições de trabalho capitalista ultrapassa as questões puramente objetivas ou ligadas ao modo da produção material, alcançando a interioridade do sujeito.

Deste modo podemos verificar que o trabalhador, ao cultivar uma relação de estranhamento diante dos produtos de seu trabalho e da própria atividade em si, está alienado também da Natureza criadora do homem, atingindo a sua essência; separando o homem de seu corpo inorgânico. O que acarreta na alienação e desumanização do homem. Desta maneira é possível perceber que na alienação do trabalho vai além da alienação material, entrando na própria essência do sujeito. Segundo Marx o homem se define enquanto homem através do trabalho.

O pensamento marxista demonstra que a produção material capitalista se opõe à natureza criadora do homem. Retirando do trabalho seu caráter livre e criador, acaba por opor a arte e trabalho.

Levando em conta os conceitos Marxistas estes demonstram que a função fundamental da obra de arte é expressar a natureza criadora do homem, através da produção de objetos úteis, num sentido espiritual. Para que possamos compreender o desdobramento até esse ponto da história da sociedade humana, quero demonstrar o

desenvolvimento do processo de trabalho, para a partir disso fazer entender minhas conclusões.

Sendo a arte e o trabalho produção de valor de uso, do que foi exposto, podemos apontar que Marx considera que os objetos úteis são produzidos para servirem, para uma finalidade, para uma utilidade. Desta maneira a arte é útil ao passo que serve para aplacar a necessidade humana de objetivar sua força criadora. Nesse sentido, tratar das formas abstratas em que a arte se transforma na sociedade capitalista, pressupõe também a compreensão da gênese do trabalho e das formas de consciência dele advindas.

Para Marx o valor do trabalho esta na criação de objetos úteis destinados à satisfação das necessidades humanas, quaisquer que sejam elas. A natureza fornece os materiais que pelo trabalho o homem converte em riqueza. A riqueza da arte, no que concerne à sua prática, esta concentrada em anos de aprimoramento evolutivo do produto do trabalho humano.

O artista produz objetos, transformando uma matéria imprimindo nela sua natureza humana. O homem em sua gênese é rico, não pelo ponto de vista da sociedade capitalista, que mede a riqueza em sentido econômico, mas é rico como ser social, que pode visualizar sua essência no mundo criado por ele.

Essa plenitude é alcançada na dominação da natureza por meio do trabalho, segundo Marx que afirmam que “O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como trabalho e objeto do trabalho de outro homem”. (2010,p.86). Ou seja é na relação social do homem com seu trabalho que ele pode se apropriar da riqueza produzida por ele. No entanto essa relação de objetivar-se nos produtos de seu trabalho perde o sentido na sociedade capitalista. O homem que está apenas preocupado com o valor financeiro do produto de seu trabalho é incapaz de vislumbrar o valor estético do mesmo, um exemplo disso é o comerciante de minério que enxergar apenas o valor comercial do minério e não suas propriedades peculiares (MARX,2010).

Nesse sentido é possível concluir que quanto mais se produz buscando valor econômico, mais se perde o valor peculiar humano dos produtos do trabalho. O homem alienado, não se reconhece no produto de seu trabalho, reconhece nele apenas seu valor financeiro abstrato. A sociedade capitalista despoja o homem de sua capacidade de vislumbrar o estético

O trabalho na sua gênese é atividade livre, que permite que o homem crie

conforme sente necessidade, já o trabalho na sociedade capitalista atual, é atividade forçada que se impõe ao homem como meio de sobrevivência. Como a arte poderia ter algum interesse a esta sociedade, que não fosse produzir valor de troca, como esse homem alienado que não reconhece nem o produto de seu próprio trabalho poderia se ver refletido na obra de arte?

A perda do significado da arte tem raiz social e está vinculada a alienação do homem no trabalho. Segundo Vazquez a arte é uma criação humana que tem sua ascendência no trabalho, isto é, os objetos criados pelo trabalho artístico superam seu valor material e se tornaram obra capaz de refletir ideias e sentimentos humanos num objeto concreto-sensível. O produto do trabalho artístico eleva a um grau superior a capacidade de afirmação e expressão do homem. Porém na sociedade capitalista, os objetos do trabalho tanto artístico quanto prático perderam seu valor de uso, ou seja, a sociedade nega o que tem de primordial no produto do trabalho o valor de uso dos objetos sua capacidade de refletir as finalidades humana. O que interessa para a produção capitalista é o lucro, a atividade artística e, especialmente, a obra de arte, só lhe interessa enquanto produção dentro de um ponto de vista de produção de mais valia.

Outra significação ou princípio da arte que é negado pela sociedade capitalista é que a utilidade da obra de arte está em sua capacidade de satisfazer uma necessidade espiritual. Outro valor que não é respeitado na sociedade capitalista. Desde que submetida às leis do valor, desaparecem seus nexos com o homem e sua capacidade de satisfazer uma necessidade humana específica, não material, subjetiva, mediante suas qualidades estéticas.

Ainda segundo Vazquez a obra de arte é uma criação humana, originária do trabalho livre, mas que por suas particularidades se distingue do trabalho em si. Isto é a arte é uma forma de trabalho superior, que eleva ainda mais a capacidade de expressão, de objetivação, que já ocorre no trabalho primário. Outro significado que se perde por meio da alienação do homem no trabalho, segundo Marx afirma o trabalho no processo de produção capitalista perde suas características fundadoras, isto é, deixa de ser atividade consciente, livre e criadora, e nestas condições se converte em atividade alienada, forçada, trabalho obrigatório. O mesmo acontece com o trabalho artístico e conseqüentemente com o produto deste trabalho, no momento em que é submetido às leis capitalistas o artista deixa de criar conforme sua necessidade interior, e cria apenas pela necessidade de subsistir, não cria mais para si e sim para um ser que lhe é estranho, o mercado, e assim como o operário o artista se vê em uma relação de

exterioridade com o capital. O artista se vê obrigado a produzir para o mercado, vendendo sua potencia criadora. Limitando a sua liberdade de criação a sociedade capitalista nega ao artista a possibilidade de explicitar sua natureza criadora.

Na relação estética se produz mais que apenas objetos, mas se produz a própria relação humana, ou seja numa perspectiva marxista, o que difere o homem do animal é sua capacidade de objetivar-se no mundo por meio do trabalho. O estranhamento do trabalho na produção capitalista produtiva mergulha o homem na pobreza absoluta. Quando o homem perde sua natureza criadora perdendo o que tem de vivo e concreto perde as qualidades pelas quais se diferencia do seu ser animal.

Desta maneira, e por meio do estudo realizado é possível verificar que sobre a influência das leis de produção a arte converge para a alienação e perde sua significação humana, deixando de objetivar a natureza do homem. A arte tem valor inquestionável e fundamental no processo de humanização, porém quando submetidas as leis de produção capitalista é conduzida no caminho inverso.

Desta maneira posso concluir que a criação artística e conseqüentemente a arte de modo geral, quando vinculada às leis de produção, deixa de cumprir sua função de satisfaz a necessidade humana de criação, torna-se mercadoria, um produto alienado, perdendo assim seu valor libertador, de superar o valor meramente utilitário e elevar ainda mais o concreto humano, a capacidade do homem de objetivar-se. Desta maneira é verifica-se que na sociedade capitalista a arte perde sua verdadeira significação para homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho: Escritos de Marx e Engels.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FERREIRA, Nathalia Botura de Paula. **A arte e a formação humana:** implicações para o ensino de literatura. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-08.pdf>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos.** São Paulo: Cortez, 2010.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A. historia da arte.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HAUSER, Arnold. **História Social da literatura e da arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1988.

KOHAN, Néstor. **Dicionário básico de categorias marxistas.** Disponível em <http://www.caesp.com.br/v2/tarefas/material/dicmarxista.pdf>. Acessado em 16 de março de 2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, KARL. **Manuscritos econômicos filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, KARL. **O Capital.** São Paulo: Ed. Nova Cultura Ltda, 1996.

MAXIMO, Maria José. **Arte e formação humana:** Contribuições do marxismo. Disponível em: http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_08/e08a_t005.pdf. Acessado em: 30 de setembro de 2013.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. **As ideias estéticas de Marx.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.